

---

## Silêncio dos Invisíveis Incendiados. Biopolítica e o noticiário jornalístico sobre incêndios de favelas<sup>1</sup>.

Alan Clyverton da Silva<sup>2</sup>.  
Luis Celestino de França Junior<sup>3</sup>  
Barbara Kauany de Castro Cunha<sup>4</sup>  
Regiane Lorenzetti Collares<sup>5</sup>  
Guilherme Macedo Silva<sup>6</sup>

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a abordagem biopolítica de noticiários jornalísticos na construção de sua narrativa. 29 de Maio de 2018. A notícia no portal G1<sup>7</sup> de um incêndio num hotel de luxo em Teresina mostra pessoas desesperadas tentando fugir das chamas que atingem e se alastram rapidamente pelo hotel. Essas pessoas têm nomes. Essas pessoas têm rostos. Elas são identificadas na notícia como hóspedes. O Corpo de Bombeiros atua rápida e bravamente para apagar as chamas. Tudo se resolve sem vítimas e com atos de bravura e coragem de todas e todos. No mesmo 29 de Maio de 2018, surge uma notícia no portal G1<sup>8</sup> de um incêndio em uma favela na cidade de Osasco, na Grande São Paulo, traz a imagem de chamas e de fumaça. Não há imagens de pessoas. Não há rostos. Não há narrativas sobre suas vidas. Elas não falam na notícia. Elas não são identificadas. Não há atos de bravura. Não há notícias sobre vítimas ou sobre quem sejam as pessoas atingidas.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Biopolítica; Notícia; Favelas; Necropolítica.

*“Temos só um jeito de nascer e muitos de morrer”*  
Carolina Maria de Jesus

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8– Estudos Interdisciplinares da Comunicação no XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Graduando do 7º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri. Bolsista de Iniciação Científica no projeto Mídia e Biopolítica. Membro do Centro de Estudos e Pesquisa em Jornalismo (CEPEJor) da Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: alancllyverton@gmail.com

<sup>3</sup> Professor Adjunto na Universidade Federal do Cariri (UFCA). Doutor em Comunicação pela UFPE. Coordena o Projeto de Pesquisa Mídia e Biopolítica. E-mail: luis.celestino@ufca.edu.br

<sup>4</sup> Graduanda do 7º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. E-mail: barbara.castro@aluno.ufca.edu.br

<sup>5</sup> Professora Associada do curso de Filosofia da Universidade Federal do Cariri. Doutora em Filosofia pela UFSCar. E-mail: regiane.collares@ufca.edu.br

<sup>6</sup> Graduando do 7º semestre do curso de Filosofia da Universidade Federal do Cariri. E-mail: guedesguilherme996@gmail.com

<sup>7</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/incendio-de-grande-proporcao-atinge-ultimo-andar-de-hotel-em-tere-sina.ghtml>. Acessado em 16.04.2019.

<sup>8</sup> Disponível em

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/incendio-atinge-favela-em-osasco-na-grande-sp.ghtml>  
Acessado em 16.04.2019

---

## Introdução

Dois incêndios ocorridos no mesmo dia e noticiados com diferentes enquadramentos e abordagens no maior e mais acessado portal de notícias do país, o G1<sup>9</sup>. Ambos também foram noticiados no Jornal das Dez da emissora GloboNews e as reportagens se encontram disponíveis nos links do G1.

O artigo não pretende ser mais um estudo comparativo sobre enquadramento noticioso. O objetivo do artigo é compreender as articulações entre alguns aspectos do regime da biopolítica elaborados pelo filósofo francês Michel Foucault – notadamente os regimes de guerra contra a população e a gestão da morte – e as notícias sobre incêndios de favelas presentes na mídia brasileira.

Parte-se da relação entre poder e vida hoje. Se de um lado, o poder entrou em todas as esferas da existência e as ocupou e mobilizou plenamente, fazendo com que corpo, afetividade, inteligência, imaginação e criatividade tenham sido violados, invadidos e colonizados pelo poder, por outro, os mecanismos e formas de funcionamento do poder se tornaram ondulantes, reticulares e moleculares.

Quando Foucault elaborou sua reflexão sobre biopoder, tentava discriminá-lo do regime que o havia precedido, no caso, o regime de soberania. Cabia ao soberano a prerrogativa de matar. Essa morte acontecia dentro de rituais. A morte era algo espetacular. E era nesse “fazer morrer” que se impunha a autoridade do soberano, afinal caberia ao mesmo as premissas de “deixar viver e fazer morrer”. Foucault identifica uma mudança de regime com o advento da biopolítica. Não caberia mais no exercício do poder, esse espetáculo da morte que impunha medo, autoridade, respeito e era o fundamento do exercício do poder. No regime da biopolítica, o fundamento se dava no fazer viver, ou seja, ter uma existência capturada pela lógica da produção, do “empresário de si” ou do que Foucault chama de uma governamentalidade neoliberal.

---

<sup>9</sup> Segundo notícia do próprio G1, o Grupo Globo atinge 100 milhões de usuários únicos por dia.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2018/11/26/grupo-globo-bate-recorde-de-acesso-no-digital-e-passa-de-100-milhoes-de-usuarios-unicos.ghtml> Acessado em 16/04/2019.

---

Aos demais, só restaria o “deixar morrer”. São os invisíveis, os inadaptados, os anormais. Não há regime de inclusão na biopolítica que não passe por essa dimensão de uma vida produtiva.

Gerir a vida, mais do que exigir a morte. Assim, se antes o poder consistia num mecanismo de subtração ou extorsão, seja da riqueza, do trabalho, do corpo, do sangue, culminando com o privilégio de suprimir a própria vida, o biopoder passa agora a funcionar na base da incitação, do reforço e da vigilância, visando a otimização das forças vitais que ele submete, cuidando da natalidade, epidemias, mortalidade, longevidade, etc. Ao invés de fazer morrer e deixar viver, trata-se de fazer viver, e deixar morrer. O poder investe a vida, não mais a morte – daí o desinvestimento da morte, que passa a ser anônima, insignificante. (PELBART, 2014).

As notícias do incêndio das favelas são narrativas em que as pessoas atingidas não tem rosto, não tem voz, não tem histórias de vida. São sujeitos invisíveis. Algo arde em chamas, mas esse algo é anônimo mesmo que haja dezenas, centenas e até milhares de pessoas atingidas. É o desinvestimento da morte.

O trabalho, portanto, seguirá um percurso de revisar algumas leituras da biopolítica num primeiro capítulo, para em seguida articular uma leitura das notícias sobre os incêndios. Embora tenha diálogo com os estudos de enquadramento jornalístico propostos por Robert Entman, da análise de conteúdo e da análise discurso, inscreve-se como um ensaio que busca articular uma “metodologia híbrida” ora se apropriando desses métodos de pesquisa ora articulando leituras de autores da Filosofia como Mbembe (2018), Foucault (2011), Esposito (2018).

### **01. Biopolítica. Relações entre a vida e a morte.**

O termo biopolítica aparece nas análises de Michel Foucault em quatro textos. A primeira vez na conferência “O Nascimento da Medicina Social” no Rio de Janeiro, em 1974. Dois anos depois, em 1976 o termo “biopolítica” aparece na última aula do curso ministrado no Collège de France, “Il faut défendre la société”, que no Brasil teve uma tradução publicada somente em 1999: “Em defesa da sociedade”. No mesmo ano de 1976 o termo aparece no capítulo final do volume I da História da Sexualidade. Em

---

1978, Foucault ministra o curso “Naissance de la biopolitique” também publicado no Brasil no fim dos anos 1990 como “O Nascimento da Biopolítica”<sup>10</sup>. É portanto no âmbito desses textos que o problema da biopolítica é formulado na obra de Foucault.

Eu tinha pensado em lhes dar este ano um curso sobre a biopolítica. Procurarei lhes mostrar como todos os problemas que procuro identificar atualmente, como todos esses problemas têm como núcleo central, claro, esse algo que se chama **população (grifo nosso)**. Por conseguinte, é a partir daí, que algo como a biopolítica poderá se formar. (FOUCAULT, 2008, pp. 19-30)

O filósofo italiano Roberto Esposito (2018) questiona que essa “política sobre a vida” só possa ser compreendida a partir de uma “política sobre a morte”. Assim, não estaríamos falando de uma biopolítica, mas de uma “tanatopolítica”. É na “gestão do deixar morrer” que a biopolítica é melhor compreendida. Essa morte não-espetacular, não-ritualística, mas sim essa morte “invisível” de seres incógnitos estará na base da compreensão da biopolítica.

Além disso, Esposito chama atenção para o fato de que o regime da biopolítica não anula o regime anterior de soberania, mas passa a haver uma coexistência entre ambos. Elementos constituintes e característicos de um regime de soberania se entrelaçam com o regime da biopolítica. O “deixar morrer” – típico da biopolítica – se entrelaça, em alguma medida, com o “fazer morrer” da soberania, mas de um modo mais sutil e característico. É, nesse sentido, que partimos da premissa que o incêndio sobre as favelas em que corpos são invisibilizados em suas vozes, narrativas, cores constitui dos atos mais violentos contra o sujeitos. A esses sujeitos é negado o direito de simplesmente se expressarem e sem essa possibilidade de expressão, não há humanidade e solidariedade sobre eles. São “zumbis”, “especuladores” e “vagabundos” numa agressividade disseminada pelo senso comum. A eles só resta “deixar morrer”.

“Não é possível aterrorizar sem matar? ...Não é possível que “deixar morrer”, “não querer saber se outros são deixados à

---

<sup>10</sup> Os cursos de Michel Foucault no Collège de France só foram publicados na França nos anos 1990 a partir da organização de Alessandro Fontana e François Ewald para o Centro Michel Foucault.

---

morte” – centenas de milhões de seres humanos, de fome, Aids, falta de tratamento médico etc. – também constitua parte de uma estratégia terrorista “mais ou menos” consciente e deliberada?... Todas as situações de opressão estrutural social ou nacional produzem um terror que não é natural...sem que aqueles que dele se beneficiem cheguem jamais a organizar atos terroristas ou a serem tratados como terroristas” (DERRIDA, 2004, p. 125)

Numa das passagens mais provocativas de *Em Defesa da Sociedade*, Foucault (2010) critica a formação do Estado na visão dos contratualistas de Hobbes a Rousseau. O ordenamento jurídico não nasce a partir de um contrato social entre os homens que abandonam então o estado de natureza. Ao mesmo tempo, a ideia de que a política começa quando a guerra acaba é também por ele rejeitada. Não se trata aqui de falar de uma guerra entre Estados-nação diferentes, mas de uma guerra interna, uma guerra contra a população. Essa metáfora da guerra será apropriada por Mbembe (2018) para falar do extermínio das populações negras<sup>11</sup> nas sociedades ocidentais capitalistas. Por ora, o que nos interessa aqui é a compreensão de uma guerra em curso. Não somente do Estado contra uma parcela da população, mas uma guerra difusa contra uma parcela da população “anormal” e fora dos padrões de consumo e de vida de uma sociedade pautada pela governamentalidade neoliberal.

“A lei não é pacificação, pois, sob a lei, a guerra continua a fazer estragos no interior de todos os mecanismos de poder, mesmo os mais regulares. A guerra é que é o motor das instituições e da ordem: a paz, na menor de suas engrenagens, faz surdamente a guerra. Em outras palavras, cumpre decifrar a guerra sob a paz: a guerra é a cifra mesma da paz. Portanto, estamos em guerra uns contra os outros; uma frente de batalha perpassa a sociedade inteira, contínua e permanentemente, e é essa frente de batalha que coloca cada um de nós num campo ou no outro. Não há sujeitos neutros. Somos forçosamente adversários de alguém. (FOUCAULT, 2010, p. 42)

---

<sup>11</sup> No caso dos incêndios nas favelas, como falar que se trata de uma população negra se nem menos essa população é visível em boa parte das notícias e das reportagens? O velho dilema da pesquisa em jornalismo. É possível se falar sobre o que sai nos jornais, mas o que não sai? Como é possível estudar o que não aparece nos jornais?

---

Mbembe (2018) chama a atenção para uma espécie de olhar europeu sobre as formulações da biopolítica que impedem de se ver a violência praticada nas colônias como um tipo muito peculiar de exercício do poder. Um poder que mistura ao mesmo tempo estado de sítio, estado de exceção e biopolítica. A *plantation* é a primeira experiência de racionalidade estatal em que se sintetizam massacre e burocracia. A Segunda Guerra Mundial estendeu os métodos anteriormente reservados aos “selvagens” para a “civilização europeia” da Europa. Mas Mbembe concorda com Foucault num aspecto: “a colônia representa o lugar em que a soberania consiste fundamentalmente no exercício de um poder à margem da lei e no qual “a paz” tende a assumir o rosto de uma ‘guerra sem fim’” (2018, p. 32).

Mbembe nos lembra ainda das “máquinas de guerra” pensadas por Deleuze e Guatarri no último volume dos Mil Plátos.

“Essas máquinas são constituídas por segmentos de homens armados que se dividem ou se mesclam, dependendo da tarefa e das circunstâncias. Organizações difusas e polimorfos, as máquinas de guerra se caracterizam pela capacidade de metamorfose. Sua relação com o espaço é móvel. Algumas vezes, desfrutam de relações complexas com formas estatais (da autonomia de poder à incorporação). O Estado pode, por si mesmo, se transformar numa máquina de guerra. Pode, ainda, se apropriar de uma máquina de guerra ou ajudar a criar uma. As máquinas de guerra funcionam por empréstimo aos exércitos regulares, enquanto incorporam elementos bem adaptados ao princípio de segmentação e desterritorialização. Tropas regulares, por sua vez, podem prontamente se apropriar de certas características de máquinas de guerra. Uma máquina de guerra combina uma pluralidade de funções. Tem as características de uma organização política e de uma empresa comercial. Opera mediante capturas e depredações e pode até mesmo cunhar seu próprio dinheiro” (MBEMBE, 2018, pp. 54-55)

Assim, a compreensão de que há “máquinas de guerra” nos instiga a pensar que as ações de incêndio em favelas não são necessariamente ações diretas do Estado, mas fazem parte muitas vezes de uma guerra operada por construtoras, imobiliárias e especuladores imobiliários contra essa parcela da população invisibilizada.

---

Um último aspecto que merece um comentário nessa leitura teórica é a questão do território. A questão que ainda não se tem uma resposta clara é “Os incêndios em favelas se espalharam pelas grandes cidades brasileiras nos últimos anos ou eles sempre existiram e a organização das comunidades é que consegue mobilizar de alguma forma em meios alternativos a atenção de uma parcela esfera pública?”.

O esgarçamento dos problemas urbanos brasileiros nos últimos anos tem evidenciado a necessidade de se falar de temas como déficit habitacional urbano e ocupações de prédios abandonados nas grandes cidades brasileiras. O que tentamos demonstrar é que o incêndio nas favelas seria uma das faces mais cruéis do problema urbano brasileiro, inscritas num regime biopolítico do “deixar morrer”, mas constituinte de uma série de outros problemas estruturais da sociedade brasileira. O trabalho se inscreve num pequeno recorte desse grande problema, buscando articular alguns exemplos da cobertura midiática sobre o tema.

## 02. Questões sobre a cobertura midiática sobre incêndio em favelas

No século XX, a concepção de qualidade de mídia se dava pela construção de equipamento capazes de demonstrar maior capacidade técnica de reprodução e alcance. A partir do século XXI, com o avanço dos estudos de humanidades, essas coberturas estão a pensar e elaborar um pensamento crítico utilizando ferramentas de mídia pela dignidade humana e seus direitos.

A realidade, enquanto produção histórica, é construída por práticas sociais que tentam explicar “o mundo, os objetos que nele existem, os sujeitos que nele habitam” (COIMBRA, 2001, p.38). Dentro deste debate, a construção jornalística da favela se dá sempre pela exposição infinitamente maior dos delitos cometidos e dos dilemas vividos pela violência. O incêndio de favela é sempre recebido com uma cobertura massiva de reportagens que sempre contabiliza as pessoas por números. Essas pessoas não têm nome, família ou história. São números. A passagem apenas fatídica dessas ocorrências nunca vêm acompanhada de uma análise e crítica ao sistema de habitação em voga no Brasil. A favela surge a partir do momento em que há uma ocupação de área para que se estabeleça residências improvisadas, a exemplos de barracos de madeira.

A televisão é o veículo de comunicação mais assistido do país, sendo também o maior influenciador da opinião pública no Brasil. Segundo pesquisa no ano de 2017 da Secretaria de Comunicação do Governo federal, ela tem a preferência de 63% dos brasileiros. A internet fica em segundo lugar, com 23%. Esses dados mostram que a TV se mantém forte, ainda que bem menos do que era até a primeira década do século XXI. Segundo o IBGE, em 2000, 87,9% dos

domicílios tinham um aparelho de rádio em casa, contra 87,2% de televisores e 83,4% de geladeiras. Já pelo Censo de 2010, os aparelhos de TV estão presentes em 95,1% das residências, as geladeiras subiram para 93,7% e os rádios caíram para 81,4%.

A invisibilização ou marginalização de certos grupos das pessoas na TV expõe o desdém com essas locações de pessoas que estão foras do grande mercado imobiliário nacional. Ao trabalharem com seleção e omissão, ênfases e entonações, dentre diversas outras formas de tratamento do texto, os meios de comunicação de massa representam uma significativa força social na formulação e delimitação de ideologias (GITLIN, 1980, p. 9).

Enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito (ENTMAN, 1994, p.294).

Uma pesquisa do IPEA, de 2017, aponta que há 107 mil moradores de rua no país. Já as favelas, segundo o IBGE correspondem a 6% da população brasileira. Ou seja, mais de 11 milhões de pessoas “faveladas” que ficam a mercê da exclusão de estado e mal representadas na mídia. Seria por assim pensar que, muito além da questão racial, é a pauta socioeconômica do capital que estigmatiza essas pessoas como não-dignas por não possuírem a sua própria propriedade privada ou estarem submersas nas altas taxas de aluguel do mercado imobiliário. Ao invés de exterminar esses grupos, é preferível que as torne invisíveis e que os deixe “se virar”. Não que seja por assim um ato proposital, mas a regência da conjuntura capitalista nos leva a pensar assim. Essa ideia amortece a pejoratividade como qual a identidade social dos moradores de favela é interpretada. A reprodução e reafirmação da negatividade da imagem contribui para a narrativa de pessoas inválidas, sujas, subalternas, dignas de morte. A cobiça da cobertura da criminalidade representada, para além do jornalismo, mas também nas telenovelas, elabora o imaginário marginal das favelas.

Em 23 de março de 2019, a Favela do Cimento, em São Paulo, comunidade debaixo do Viaduto Bresser, foi destruída pelas chamas. Ela já estava com os dias contados, pois a reintegração de posse estava marcada para a manhã do dia 24. Um



---

vídeo publicado no Twitter, mostra pessoas em carros de alto custo passando ao alto som de buzinas e onde se pode ouvir um homem comemorando em grito: “vagabundos!”. Justamente essa invisibilização. Não eram apenas barracos “sujando” a imagem da cidade, mas sim mais de 70 famílias que perderam seus abrigos e não tinham para onde ir.

O higienismo anti-favelas também é uma retórica construída que, por muitos anos, esteve na mídia, ainda que não indiretamente, mas reforçando esse lugar de favela como lugar mal, antro da perversidade e lar dos abomináveis. Para Goffman (1982, p.15), a questão principal de se estigmatizar indivíduos consiste em que “acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, faremos vários tipos de discriminação, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida”.

Em conclusão de pesquisa realizada nos anos 2000 sobre a cobertura de mais de 400 notícias publicadas em três veículos do Rio de Janeiro de grande circulação (O Globo, Meia-Hora e Extra), Paiva e Nora (2008) traçam um cenário de extrema negatividade para a forma como a favela é construída por esses veículos de comunicação de massa.

A mídia, de uma forma geral, e não apenas O Globo, procura, sempre que possível, destacar a violência e o ambiente hostil das comunidades pobres. Assim, os veículos de comunicação priorizam os aspectos negativos da realidade social desses grupos e concedem maior visibilidade aos acontecimentos, produzindo um discurso sobre os moradores dessas regiões como seres ameaçadores. Conseqüentemente, reforça-se a existência de uma sociedade cada vez mais fragmentada, na qual os habitantes de áreas pobres, uma vez identificados como membros de uma comunidade, são frequentemente associados à sua imagem negativa e à violência (NÓRA; PAIVA, 2008, p.23)

### **Considerações Finais**

O trabalho apresentou uma leitura entre o regime de biopolítica proposto pelo filósofo francês Michel Foucault e episódios repetidos nas grandes cidades brasileiras de incêndios de favelas. Há necessidade de uma análise mais detalhada dessas notícias, reportagens e matérias em trabalhos futuros. Trata-se, por enquanto, de uma pesquisa

---

em andamento dentro do Projeto de Pesquisa Mídia e Biopolítica da Universidade Federal do Cariri.

Ao mesmo tempo, há linhas de fuga possíveis. Conforme texto publicado na obra “Microfísica do Poder”, Foucault critica o lugar do intelectual como representante de comunidades, sujeitos e causas que, na sua visão, não precisam da voz dos próprios sujeitos por elas atingidos. Não caberia esse papel de ilustrado do intelectual diante do fato de que cada sujeito quer se auto-representar. Fazemos uma analogia para pensar que o papel do jornalista não deve ser o de representar “a visão dos moradores de favela”, mas o de que o jornalismo dentro de um compromisso cívico mesmo em sociedades liberais deve ter coberturas equilibradas trazendo o máximo de pontos de vista possíveis sobre o tema que aborda.

Há linhas de fuga possíveis a serem pensadas e trabalhadas. Essas linhas de fuga se encontram principalmente nas narrativas que têm surgido a partir da iniciativa de mídias alternativas que tem dado visibilidade às narrativas sobre a vida nas favelas com enquadramento focado a partir das narrativas dos moradores. O Observatório de Favelas do Rio de Janeiro conseguiu mapear em 2012 os veículos de comunicação alternativa com temas transversais às favelas e somente no Rio e região metropolitana identificou 103 veículos<sup>12</sup>.

O direito à comunicação consagrado na Declaração Universal dos Direitos do Homem em seu artigo 19 e na Constituição de vários países ainda encontra dificuldade na sua aplicação prática, embora se reproduzam N estudos teóricos sobre o conceito de direito à comunicação e informação para a consolidação da democracia. Mesmo com o avanço do número de veículos alternativos na última década, ainda é incerto que se tenha no país uma desconcentração da mídia nas mãos de poucos grupos e empresários. Diante disso, trata-se portanto de se pensar o texto jornalístico que traz voz, rosto como o reverso de um “deixar morrer” das máquinas de guerra sendo uma possibilidade de resistência à vida e à dignidade de sujeitos a quem rotineiramente tem sido negadas as possibilidade de serem sujeitos.

---

<sup>12</sup> Disponível em:  
[http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Midia-e-favela\\_publicacao.pdf](http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Midia-e-favela_publicacao.pdf) Acessado em: 17.04.2019.

## Referências

COIMBRA, Cecília. **Operação Rio - O mito das classes perigosas: um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública**. Niterói: Oficina do Autor, 2001.

DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Felix. **Mil Plátos. Capitalismo e Esquizofrenia**. Trad. Peter Pal Pelbart e Janice Caiafa. Vol.5. São Paulo, Ed. 34, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Filosofia em Tempo de Morrer**. São Paulo, Jorge Zahar, 2004.

ENTMAN, R. **Framing: Toward clarification of a fractured paradigm**. In: LEVY, M.; GUREVITCH, M. (ed.). *Defining Media Studies: reflections on the future of the field*. New York: Oxford University Press, 1994.

ESPOSITO, Roberto. **Bios. Filosofia e Biopolítica**. Belo Horizonte, Ed.UFMG, 2018.

GITLIN, Todd. **The whole world is watching. Mass media in the making & unmaking of the new left**. Berkeley: University of California Press, 1980

GOFFMAN, Ervin. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Biopolítica**. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. São Paulo, Ática, 2006.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo, n-1 edições, 2018.

---

NÓRA, Gabriela; PAIVA, Raquel. "Comunidade e Humanismo prático: a representação da periferia no Rio de Janeiro". In: **Comunidade e Contra-hegemonia: Rotas de comunicação alternativa**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2008.

TEMPLE, Giovana Carmo. **Acontecimento, Poder e Resistência em Michel Foucault**. Cruz das Almas, EdUFRB, 2013.